



## Dos vales ao Simurgh: considerações simbólicas a respeito do trabalho interior

*From valleys to Simurgh: symbolic considerations regarding inner work*

Zara de Oliveira Freitas Magalhães Lyrio<sup>1</sup>.

**Resumo:** Este artigo tem como proposta uma análise simbólica a respeito do percurso do trabalho interior com base no poema místico-filosófico *A Conferência dos Pássaros*. A obra analisada refere-se a um poema-meditativo, onde o autor Farid ud-Din Attar, descreve uma verdadeira epopeia espiritual, através de uma narrativa alegórica, onde um grupo de pássaros percorrem sete vales em busca de encontrar o rei dos pássaros Simurgh. Uma maneira metafórica para delinear a busca interior por uma consciência que esteja longe do embaraçamento dos signos verbais propulsionados pelos labirintos da mente. Ao contrário, que leve o buscador ao horizonte do Amado, da contemplação mística. Dessa forma, destaca-se alguns trechos desta obra, observa-se seus contornos, como uma forma introdutória de perceber a profundidade desses escritos. Como um primeiro convite a um mergulho no trabalho interior de encontro consigo mesmo.

**Palavras-chave:** Conferência dos pássaros, vales, Simurgh, busca interior.

**Abstract:** This paper aims to propose a symbolic analysis about the path of inner work based on the mystical-philosophical poem, *The Conference of Birds*. The analyzed work refers to a meditative poem, where author Farid ud-Din Attar describes a true spiritual epic through an allegorical narrative, where a group of birds travel seven valleys in search to find the king of birds Simurgh. A metaphorical way to delineates the inner search for a consciousness that is far from the embarrassment of the verbal signs propelled by the labyrinths of the mind. Instead, bring the seeker to the horizon of the Beloved, of mystical contemplation. In this way, some sections of this work of rare beauty and depth stand out, observes its contours, as an introductory way of perceiving the depth of these writings. As a first invitation to a dip in the inner work against self.

**Keywords:** Conference of birds, valleys, Simurgh, inner search.

### Introdução

O estudo a seguir é uma apreciação e ao mesmo tempo, uma análise simbólica do poema místico-filosófico, *A Conferência dos Pássaros*, concebido, ao que tudo

---

<sup>1</sup>Zara de Oliveira Freitas Magalhães Lyrio. Psicóloga. Especialista em Psicologia Junguiana-IBMR. Pós-Graduada em Transdisciplinaridade em Educação, Ecologia e Espiritualidade-ITF. Membro Analista-SBPA-IAAP. Especialista em Ciência da Religião-UFJF. Mestre em Ciência da Religião-UFJF. Doutoranda em Psicologia-UFJF. Contato: zaralyrio@ircn.org.br



indica, na segunda metade do século XII, pelo poeta persa Farid ud-Din Attar, considerado um dos maiores Sufis de todos os tempos.

Embora não se tenha ao certo a data precisa de seu nascimento, consta que foi no noroeste da Pérsia, próximo de Nishapur. Diz-se que viajou por diversos países, durante cerca de quarenta anos. Estudando em mosteiros e reunindo inúmeros escritos sufis contemplativos, além de lendas e histórias místicas.

Esta obra tem sido, ao longo dos anos, fonte de inspiração para inúmeros escritores<sup>2</sup> de todas as partes do mundo, traduzirem e ao mesmo comentarem. No entanto, o presente artigo circunscreve-se basicamente sobre a tradução de Octavio Mendes Cajado, que por sua vez, baseou-se na tradução inglesa de C. S. Nott, de acordo com a versão francesa de Garcin de Tassy, em prosa. Translação esta tida como “a melhor versão que transmite o sabor, o espírito e os ensinamentos do poema de Attar.” (ATTAR, 1954, p. 2).

Por meio de narrativa alegórica, descreve de maneira metafórica a via trilhada pelos pássaros-homens para galgar um estado desconhecido da consciência ordinária, justamente por estar ao longe do embaraçamento dos signos verbais propulsionados pelos labirintos da mente.

Tal estado de espírito é por Attar cognominado Simurgh. Estado virtuoso concebido quando a prática é determinada por atitude e ações que conduzem ao despojamento de ilusões, dos falsos e mundanos ideais. Acrescentando-se que, em tempos marcados por severos fundamentalismos, a busca se torna pelo caminho da profunda verdade interna, no sentido de captar tais dimensões originárias, mas ocultas pela cultura materialista, globalizada.

Esta narrativa simbólica, pode ser comparada ao trabalho interior. Ao encontro consigo mesmo e pelo autoconhecimento, que segundo Attar é o mesmo conhecimento de Deus. Na realidade, pode ser compreendido como uma meta do espírito humano, uma vez que “Deus está além do conhecimento e além da evidência, e nada pode dar a ideia de sua Sagrada Majestade” (ATTAR, 1954, p. 14).

Há por esta perspectiva, um mistério insondável na criatura humana, composta de “uma mistura de barro pesado e espírito puro” (ATTAR, 1954, p. 14), de modo que, torna “o homem o mais surpreendente dos mistérios” (ATTAR, 1954, p. 14), contudo, seu maior obstáculo e, a não ser que se proponha desenvolver as

---

<sup>2</sup>CARRIÈRE, Jean-Claude **La ConférencedesOiseaux. RécitThéatral**. Paris: Albin Michel, 2008. ANVAR, Leili. **Le CantiquedesOiseaux d'Attâr. Illustré par la PeintureenIslam d'orient**. Paris: éditions Diane de Selliers, 2012.



habilidades espirituais necessárias, amadurecidas na jornada mesma, permanecerá sem penetrar em sua própria interioridade. O que resultaria num vazio de sentido.

O Caminho Certo, o Caminho Verdadeiro. Uma ponte por cima do abismo infernal. Mais fina do que um fio de cabelo, mais afiada do que a espada, está cheia de sarças e espinhos. Os bons passarão por ela com segurança, mas os maus cairão nas profundezas” (ATTAR, 1954,p.161).

Destarte, a leitura reflexiva deste poema, pode se constituir também, numa perspectiva de uma verdadeira jornada, revelando-se em um trabalho de níveis e facetas ilimitadas, por isso, a que se aproximar desta valiosa aventura passo a passo, como quem encontra um tesouro delicado e fugidio, avesso aos bordões intelectuais e aos rompantes da razão. Sendo apenas o coração o veículo capaz de captar as nuances de seus aromas suave e raros. Segundo Marco Lucchesi<sup>3</sup>, *A Conferência dos Pássaros* “é uma joia da mística universal[...] é uma flor cujo perfume tocou outros jardins. Suas páginas demandam altitudes” (2000, p. 125).

Requer, ademais, como que uma iniciação prévia na vivência de alguns entardeceres, pois o caminho ao qual por esta epopeia está sendo indicado, é justamente o percurso do mundo interior, do trajeto espiritual, para além do brilho vulgar das aparências da beleza artificial da superfície.

Ainda, “para adentrar na linguagem dos místicos faz-se necessário captar a singularidade da epistemologia utilizada, ou seja, a especificidade da ‘teoria do conhecimento inspirada’”(LUCCHESI, 2016, p. 164). Porquanto, não basta apenas o esforço mental por mais que se afinem as ferramentas analíticas do intelecto. A vivência mística, atravessa sem dúvida por uma “divina instrução” (idem), para além mesmo da intuição, a qual é o pré-requisito por excelência.

Carl Gustav Jung<sup>4</sup> afirmou que o caminho da *experiência interior* é uma das fontes de “cura” para a atual cisão vivenciada na atualidade. Cisão esta que está na base da angústia contemporânea existencial generalizada. De tal modo que provoca no ser humano o sentimento de estar perdido, num mundo vazio de sentido e significado.

---

Tradução integral versada por comentários iconográficos por Michael Barry. Dentre estes e além, as utilizadas como referências bibliográficas, são alguns exemplos.

<sup>3</sup>Membro Presidente da Academia Brasileira de Letras, escritor, romancista, poeta. Pesquisador na Área da Literatura, entre tantos trabalhos é também professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Psiquiatra. Nasceu em 26 de julho de 1875 — Küsnacht, em Zurique, Suíça e faleceu em 06 de junho de 1961. Autor de diversas obras, algumas ainda não publicadas. Foi o criador da Psicologia Analítica, Psicologia Simbólica ou Profunda - dentre algumas de suas formas de nomeação ao qual traduzem justamente o seu enfoque, qual seja, a perspectiva de uma visão simbólica da psique.

Ademais, segundo Jung, tal *experiência interior* tem o potencial de sanar os anseios irrealizados pela sensação ilusória de bem-estar provocados por uma coleção de práticas dogmáticas, sem a profundidade de uma espiritualidade original. Diz ele: “a aventura espiritual da nossa época é a entrega da consciência humana ao indefinido e indefinível”(JUNG, 1983, p. 117).

É necessário, no entanto, seriedade sem perder a singeleza da leve melodia das manhãs, a capacidade de *ver* e *ouvir*, daqueles que, de alguma maneira dispõem-se à abertura para o sagrado, não aquele imposto pelos dogmas suntuosos das catedrais, erigidas com base nas hierarquias constituída pelo humano, mas ao sagrado manifesto no universo, constelado na riqueza das coisas simples do mundo cotidiano e existentes na natureza, dados por *graça* ao bem usufruir, por um *ato* misericordioso do Mistério.

O remoto rei dos pássaros, o Simurgh, deixa cair no centro da China uma pluma esplêndida. Cansados de sua anarquia, eles vão em busca de seu rei. Sabem que sua fortaleza está no Káf, a montanha circular que rodeia a Terra. Empreendem a quase infinita aventura; superam sete vales, ou mares; o nome do penúltimo é Vertigem; o último se chama Aniquilação. Muitos peregrinos desertam; outros perecem. Trinta, purificados pelos trabalhos, chegam à montanha do Simurgh. Enfim o contemplam (BORGES, s/d.).

### Todos os Pássaros do Mundo...

Conta que ali reuniram-se todos os pássaros que habitavam a terra. Seu objetivo era encontrar o Rei dos pássaros<sup>5</sup>“Conheço bem o meu rei, mas sozinha, não posso planejar encontrá-lo” (ATTAR, 1954, p. 22). Sim, pois não há caminho completo, se não há entrega. Sem o despojamento da arrogância e do desejo de poder, não se alcança crescimento verdadeiro algum. O individualismo, a competição, tão fortemente, anunciada e promovida pela *máquina* capitalista, desvia o ser humano de uma das virtudes mais fundamentais, a solidariedade.

O caminho interior é para ser percorrido no silêncio da alma, contudo, não exige isolamento do mundo. Ao contrário, é percebendo-se parte de um todo maior e reconhecendo o valor da alteridade, da partilha e do mútuo auxílio que se desenvolve grandeza do espírito. Assim, “meus amigos! Somos vizinhos uns dos outros” (ATTAR, 1954, p. 16).

<sup>5</sup> De acordo com Faustino Teixeira, com base em: “Farîdod-dîn ‘Attar. **Le CantiquedesOiseaux**. Paris: Diane de Selliers, 2012, p. 31 (seguindo a explicação da tradutora, LeiliAnvar)”. Simurgh, na verdade é descrito como uma figura feminina. citado in: Teixeira, Faustino. **A Linguagem dos Pássaros: uma Epopeia Espiritual**. Disponível em: <http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2017/09/a-epopeia-dos-passaros-nabusca-do.html>. Consultado em: 28/06/2018.

Novamente, as ideias trazidas por Jung se coadunam com o pensamento místico de Attar, quando este fala da jornada percorrida para ir de “encontro com o rei”, pode-se fazer uma analogia, com o processo de auto-realização Junguiano, denominado processo de *individuação*. Aqui também se vê a necessidade do relacionamento com a alteridade. Neste caso, o outro semelhante, humano ou Divino, no mundo. Veja-se o que Aniela Jaffé, colaboradora de Jung reflete:

A individuação só prossegue o seu caminho de modo significativo em nossa existência diária. A aceitação da vida tal qual ela é, com sua banalidade e singularidade, com respeito pelo corpo e suas exigências, equivale tanto a um pré-requisito da individuação como a um relacionamento com seu semelhante. Quanto mais se impõe a qualidade espiritual do *Self*,<sup>6</sup> quanto mais a consciência se amplia através da integração dos conteúdos psíquicos, mais o homem deve assentar as raízes na realidade, na sua terra, em seu corpo e, com mais responsabilidade, deve estar ligado ao seu próximo e ao seu ambiente (JAFFÉ, 1983, p. 83).

Outrossim, fortalecer o querer é condição sem a qual não pode ocorrer o desenvolvimento humano. Não há como fazer este percurso, sem despertar vontade própria, sem o firme desejo do *punctumcorais* (centro do coração). Sem reconhecer o valor da luz, nenhum ser põe-se em movimento para sair da escuridão.

Quando se está acomodado, não se sente a necessidade de aceitar quaisquer desafios. O corpo e o espírito naquele estado de coisas, fica como que entorpecido, na ilusão de satisfazer-se de migalhas momentâneas. Talvez, no consumismo, no uso de drogas sociais, como podem servir de exemplo, o *status* profissional, a condição econômica, ou mesmo a beleza física ou o desenvolvimento intelectual.

Sentimentos, como o orgulho, o medo, a presunção e a vaidade. Estes e tantos outros, podem se tornar grandes obstáculos à busca pelo verdadeiro benefício ofertado como resultado do trabalho interior. “E cumpre ter um coração de leão para percorrer esta estrada insólita, pois ela é longa e o mar é fundo. Anda-se laboriosamente num estado de assombro, às vezes sorrindo, às vezes chorando” (ATTAR, 1954, p. 22). É a própria “experiência primordial com o divino como *tremendum* e do significado como redenção” (JAFFÉ, p. 62).

Assim, diz a Poupa, mensageira e guia dos pássaros, ao reuni-los para a grande jornada:

Abandonai vossa timidez, vossa presunção e vossa descrença, pois quem converte em luz a própria vida está liberto de si mesmo; está liberto do bem e do mal no caminho do amado. Sede generosos com a vida. Ponde os pés na estrada e parti,

---

<sup>6</sup> O conceito *Self* ou *Si-mesmo* desenvolvido por Jung pode ser comparado a ideia da *Imago Dei*, isto é, semelhante a imagem de Deus na psique. Ele não afirma (nem nega) a existência de Deus não como um ente em si, mas sua definição é que “Deus’ é uma experiência primordial do homem” (JUNG, 1983, p. 349).



alegres, para a corte do rei. Temos um rei de verdade que vive atrás das montanhas chamadas Kaf. Chama-se Simurgh e é o rei dos pássaros. Está perto de nós, mas nós estamos longe dele(ATTAR,1954, p. 16).

### Maravilhai-vos

Nada mais nada menos, o alvo a ser alcançado é a *uniomystica* com o Divino. Contudo, ao contrário do que se esperaria, de tal entrega ao mundo espiritual, esta comunhão não torna o místico um ser apartado do mundo e da comunidade. Ao contrário, ele passa a ser como um espelho que reflete a luz da criação, em suas ações e palavras, que passam a ser de bondade e compreensão para com todas as criaturas e com a vida.

Para tal, percorrem os *sete vales* na companhia da poupa e do grupo de pássaros. Uma grandiosa aventura do espírito e uma provocação para os voos da imaginação. Suplantam os vales da *Busca, do Amor, da Compreensão, da Independência e do Alheamento, da Unidade, do Espanto e perplexidade e da Privação e da Morte*, até alcançar e desvelar sua miragem pessoal permitindo, assim, contemplar uma realidade absoluta desprovida de fantasias e, enfim, encontrarem o que já estava dado, desde o início.

Maravilhar-se, sim, também é condição *sine qua non*, pois “quando compreenderdes de quem sois a sombra tornar-vos-ei indiferentes à vida e à morte” (ATTAR,1954, p. 40). Outra feita é que, se o Mistério não pretendesse se apresentar aos seres humanos, não teria espalhado a sua *sombra* no universo visível. Assim como no *Hadîth qudsî* que revela que pelo Amor todas as coisas foram criadas, a Unidade que quer se aproximar da criatura, “eu era um tesouro escondido e queria ser revelado, então criei o mundo para que pudesse ser conhecido” (HIRTENSTEIN,2006, p. 46.) De modo que viver é maravilhar-se com a criação. É celebrar esta divina Graça manifesta.

Permanecendo, de maneira paradoxal, *TesouroAbsconditus* na Natureza. Incognoscível, ao mesmo tempo em que revelado e sentido, por suas infinitas manifestações. Por força de que Ele é a essência mesma de todas as coisas que se pode perceber existencialmente. Assim, “Trata-se não de não de racionalizar o irracional, o que é impossível, mas de captá-lo e fixá-lo em seus aspectos” (OTTO, 2014, p. 99).

Pode-se imaginar assim que, os seres sejam portadores desse Tesouro escondido, que em essência se manifesta no amar a todas as coisas manifestas. Por



esse motivo, vale o sol nascer, por acreditar que dentro de cada um, há de revelar o dia do “centro do coração” na consciência humana. Por certo que, como o órgão essencial para a percepção mística, seja o mediador contemplativo da vida. Conseqüentemente, à medida em que seja “polido”, reflete o brilho deste tesouro e o mundo das formas e das cores revele-se na beleza de cada instante.

Por esta via, é tocante como que, com tamanha profundidade o místico sufi vivencia a magnitude do amor Divino: “Regressa, pois, ao Caminho. Abro-te a minha porta e espero. Quando tiveres mudado realmente de atitude, os teus pecados te serão perdoados” (ATTAR, 1954, p. 32). Em realidade e consistência há uma proximidade íntima, de amor explícito, vivenciada por estes verdadeiros buscadores. De tal modo que seu testemunho é o de alguém que de fato vivenciou tocar, com seu coração, a Deus.

No entanto, não é por um desenvolvimento vulgar, que o espírito se afina para *ver* o Simurgh. Tampouco será em qualquer estado que um coração pode tornar-se um espelho brilhante, ajustado para refleti-lo. Em realidade, é preciso um constante e fiel desejo, um perseverante trabalho de “polimento” interior.

### **Viver é Melhor que sonhar**

“Visto que sua descrição não tem pés nem cabeça, nem princípio nem fim, já não é necessário falar sobre ela. Agora, se algum de vós estiver disposto a enfrentar a estrada, preparai-vos e ponde os pés no caminho” (ATTAR, 1954, p. 23).

“Muitos são chamados, mas poucos os escolhidos”<sup>7</sup>, estas palavras são, por certo, um grande ensinamento ou mesmo uma grande provocação à interiorização, pois revelam que o caminho deve ser seguido partir de cada um. Desde os tempos imemoriais, o “sagrado banquete” (FAUSTINO, 2018) está servido, mas poucos os percebem. Poucos buscam a verdadeira fonte. Talvez porque seja a mais valiosa e por isso, escondida no lugar mais difícil de ser procurada. É uma fonte interior, que brota dos corações que já foram aquebrantados.

Em continuidade a esta primorosa narrativa, lê-se que vários pássaros atenderam à “invocação” e foram à assembleia. Estando lá, tantos ouviram o canto da Polpa e, inúmeros se desculparam-se com justificativas diversas. Alguns, apegados a

---

<sup>7</sup>MATHEUS 22:14. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/22>. Acesso em 06/07/2018.

seus meios conhecidos, com tesouros vãs, com falsos brilhos. Mas como redarguiu a polpa: “Quem tem o perfume não procura cor; quem possui a essência não a deixa pelo brilho da forma exterior. Procura a verdadeira joia de boa qualidade e não te contentes com a pedra” (ATTAR, 1954, p. 31).

Após consideráveis diálogos, argumentação, num dado momento, guiados pela Poupa um grupo de trinta pássaros começam a atravessar o deserto e os sete vales que simbolizam os passos da transformação da consciência e o nascer do conhecimento, para, enfim, chegar a mirada e se encontrarem com Simurgh.

### **Os Sete Vales**

Um homem pediu licença humildemente para fazer uma oração no tapete do Profeta, mas este não lhe consentiu dizendo: “A terra e a areia estão ardendo. Pões o rosto na areia ardente e na terra da estrada, visto que todos os feridos pelo amor têm de ter a marca no rosto, e a cicatriz precisa ser vista. Deixa que vejam a cicatriz do coração, pois pelas cicatrizes são conhecidos os homens que palmilham o caminho do amor” (ATTAR, 1954, p. 108).

Esta passagem demonstra que a jornada em direção ao Amado, não se dá sem algum tipo de sacrifício. As dificuldades que se apresentam são justamente para lapidar o adepto. Para forjar no calor do fogo e moldar sua matriz interior. Sem a qual, a consciência permaneceria turva e obnubilada. E seria impedida de ver o brilho fino das coisas verdadeiramente preciosas. Estas que são silenciosas e serenas. Como o brilho da luz na gota de orvalho, na pétala da rosa ao amanhecer.

### **O vale da Busca**

É aqui que começa o caminho do discípulo, quando inquieto e não mais satisfeito com o alarido do mundo, intui que haja algo para além da margem da praia. Quando perceber que nada possui neste mundo e que os verdadeiros valores são invisíveis ao olhar comum. Quando acender a chama da busca. Quando perceber a falta. No entanto, “quem ali ingressa se enche de um desejo tão grande que se entregará plenamente à busca simbolizada por este vale” (ATTAR, 1954, p. 109)

Há que se entregar plenamente, pois o óbvio já não mais atrai. Quando o mundo exterior já não mais captura a alma. Lá onde nasce o desejo pelo infinito, ainda que em rizoma, mas verdejante pela esperança do encontro com o Eterno, com o tesouro que não é corroído pelo tempo e nem pela traça que corrói as palavras na estante empoeirada do intelecto. “nada mais terá importância para ele senão a busca



da verdadeira meta [...] Ali terá de passar vários anos. Terás de fazer grandes esforços e modificar o teu estado”(ATTAR, 1954, p. 109-11).

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.  
Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, abrir-se-lhe-á.  
E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?  
E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?  
Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?  
Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazê-lo também vós, porque esta é a lei e os profetas.  
Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela;  
E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.<sup>8</sup>

É preciso pois, bater na porta, pôr-se a caminho. Esforçar-se. Ora, a Graçajá está dada, mas é preciso alcançá-la pelo esforço próprio. De modo que, sendo “estreita a porta”, requer um ajuste da conduta. Requer um alinhamento com a meta. Um trabalho ao mesmo tempo, de concentração e entrega interior. Em verdade, “no caminho do aperfeiçoamento de si mesmo, o homem não deve perder tempo nem por um instante. Se ele cessar, por um átimo sequer, de trabalhar pelo próprio aperfeiçoamento, ficará para trás” (ATTAR, 1954, p. 111).

### O vale do Amor

“É mister ser fogo flamejante [...] O próprio homem precisa ser fogo [...] o verdadeiro amor não conhece reflexões tardias; com o amor o bem e o mal deixam de existir. O amor é representado pelo fogo, e a razão pela fumaça. Quando chegar o amor, a razão desaparece [...] O amor não tem nada a ver com a razão humana. Mas se vires as coisas com os olhos da razão comum, jamais compreenderás quão necessário é amar [...] quem empreende esta jornada deveria ter mil corações para poder sacrificar um a cada momento (ATTAR, 1954, p. 113-14).

É preciso amor para poder cuidar da vida, é preciso amor para poder vivenciar a vida em todos os seus momentos, difíceis e bons. Sem amor, as atitudes tornam-se áridas e técnicas somente. O amor impulsiona a vida. Toda a Criação é um ato de amor do grande Mistério. Assim, buscar desenvolver o amor é estar a serviço da própria vida. É estar aberto ao outro.

O amor, fala da empatia, da solidariedade entre as espécies. O amor sustenta a vida. É pelo amor ao discípulo que o mestre se apresenta e o corrige. Assim, quem deseja conhecer Simurgh, o *Grande Pássaro* que conhece o horizonte que amplia o olhar, precisa ter em si, esta fragrância para ofertar ao mundo. Tanto assim que, “a

<sup>8</sup>MATHEUS 7:7-14. In: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/7>. Consultado em: 6/07/2018.

mística é a linguagem mais adequada para expressar essa experiência de radicalidade [...] a realidade do espírito, aquela dimensão em que todo ser humano se descobre como parte do Todo, como projeto infinito” (BOFF, 2016, p. 195).

### **O Vale da Compreensão**

A que se superar as próprias fraquezas, a letargia e a inércia para se cruzar este vale. “Sem começo nem fim. Nenhum vale é igual a esse, e a distância que há de ser percorrida para atravessá-lo desafia qualquer cálculo” (ATTAR, 1954, p. 118). Exige esforço humano para alcançá-lo.

É uma guia verdadeira nos momentos difíceis da jornada. Por ele, um buscador não desiste do caminho. Com ele, o navegante contorna os temporais. É através desse vale que se pode alcançar um vislumbre do futuro. É necessário, assim, manter-se alerta para não cair nas tramas da ignorância, do saber petrificador. O verdadeiro conhecimento, este sim, é flexível e concebe que a vida é dinâmica e é preciso estar de olhos bem abertos para compreender a dança do universo e fluir em direção ao aprendizado maior, que é a ampliação da consciência de si e da vida. Vê então o todo e as conexões intrínsecas entre todos os fenômenos e assim ver Deus em tudo e a *unidade perfeita*. “Mas se vires as coisas com os olhos da razão comum, jamais compreenderá quão necessário é amar. Só o home posto à prova e livre pode senti-lo. Quem empreende esta jornada deveria ter mil corações para poder sacrificar um a cada momento” (ATTAR, 1991, p. 114).

### **Vale da Independência e do Alheamento**

Abrir mão das posses, do apego ao poder, do desejo de possuir, dominar, reter, ou mesmo controlar a vida, é um dos grandes aprendizados deste estágio. Muitas vezes a própria vida, oferece de modo radical este ensinamento. Há que se abrir mão para poder encontrar. A que se perder, para poder se encontrar, a que se dar para poder receber, fluir para poder fortalecer.

‘Neste vale’, continuou a Poupa, ‘ninguém deve permanecer inativo, e só há de entrar nele depois de haver alcançado certo estágio dedesenvolvimento. É momento de trabalhar em vez de viver na incerteza e passar o tempo descuidadamente. Desperta da apatia, renuncia aos apegos internos e externos e cruza esse vale difícil; pois se não renunciarees a eles, tornar-te-ás mais descuidado do que os adoradores de muitos deuses e nunca serás auto-suficiente’ (ATTAR, 1991, 125).

Esse vale fala assim, da impermanência de todas as coisas. Igualmente, para que tentar prender-se a algo ou a algo tentar prender, se na verdade a vida está em constante mudança, numa dança cósmica infinita, onde não se tem o controle de nada? Apenas se pode perceber os sinais dos tempos e harmonizar-se com a lei maior da existência que é viver e permitir viver. Não se é nada, não se tem nada, ao mesmo tempo em que se faz parte de tudo e a tudo se está ligado. Nasce assim, um verdadeiro sentimento de respeito, reverência e cuidado para com todas as coisas, através do cultivo da humildade.

### Vale da Unidade

Segue-se que ao se sentir parte do todo, sente-se naturalmente unido ao todo. O que estava partido, solitário agora, torna-se unificado. O que estava isolado, superior ou inferior, encontra o complemento e vê-se semelhante das diferenças. Igual na diversidade. A unidade da multiplicidade. Dessa forma, simbolicamente, neste vale, assim como neste grau de consciência, todos os seres são reconhecidos como provenientes de uma só e mesma fonte. Desaparece a disputa e a dualidade, encontra-se a solidariedade, a fraternidade e todas as manifestações de vida, tornam-se irmãs. Passíveis, aqui, mais uma vez, de cuidado, respeito e amor.

Lugar de renúncia a todas as coisas e de sua unificação. Todos os que levantam a cabeça nesse deserto levantam-na de um mesmo pescoço, como ramos de um único tronco. Ainda que vejas muitos, não há senão um pequeno número, o que digo?! Na realidade há somente Um. Com toda quantidade não é verdadeiramente mais que Um, ela está completa em sua unidade (ATTAR, 1991, p. 205).

É importante lembrar que, há no universo um princípio de não-separabilidade que caracteriza todos os sistemas de vida: todos os fenômenos interdependem universalmente e não há nada separado. A própria vida se manifesta na diversidade, de maneira que os acontecimentos estão condicionados por uma lei de sustentação recíproca e intrínseca em tudo o que existe. Onde cada ser vivo, de maneira inevitável, também mantém a sustentabilidade de algo semelhante ou diverso de si no mundo. Chegar nesse *vale* simbólico é como perceber esta unidade intrínseca à vida. A “unicidade de cada parte, de cada grão de areia, de cada gota d’água, de cada ser. Enquanto essa complexidade está ligada à globalidade, a ordem da natureza é respeitada e existe harmonia entre os diferentes aspectos ou graus da realidade” (VILLERMAY, 2019).



## Vale do Espanto e da Perplexidade

A noite e o dia surgem ao mesmo tempo. Mas quem alcançou a unidade se esquece de tudo se esquece de si. Se lhe perguntarem: ‘és ou não és? Tens ou não tens o sentimento da existência? És mortal ou imortal?’ Ele responderá com certeza: ‘nada sei, nada entendo, não tenho consciência de mim mesmo. Estou apaixonado, mas ignoro por quem. Meu coração está cheio e vazio de amor ao mesmo tempo’ (ATTAR, 1954, p. 130).

Quando se tem um encontro com o *amado*, as palavras, o entendimento racional nada pode fazer. Assim, como uma experiência espiritual, torna-se inaudita, pois não se pode captá-la pelo verbo. Não tem como descrever o espanto diante da Luz. Apenas perplexidade. Um breve vislumbre e já é tempo de encantamento, temor e fascinação.

Que pode ser mais concertante do que algo que não se revela e nem se esconde? Jamais poderei esquecer o que vi, e, no entanto, não tenho a menor ideia de onde aconteceu. Durante toda a noite amei uma beldade sem igual. Não sei nem quem é nem o que é. Só ficou o amor, e isso é tudo. Mas Deus sabe a verdade” (ATTAR, 1954, p. 130).

## Vale da Privação e da Morte

Diante do *numinoso* o ego é aniquilado, tal qual a “mariposa no calor do fogo da vela” (ATTAR, 1991, p. 136). Neste instante o viajante, ao abandonar a lembrança de seu corpo e sua alma, abrir mão da própria individualidade, estará pronto para confiar e se dar conta de sua unidade com o Divino, a partir do esquecimento de si mesmo.

Quando o oceano da imensidade começa a arfar, o modelo à superfície perde a forma; e esse modelo não é mais que o mundo presente e o mundo por vir[...] A gota se torna parte do imenso oceano, mora lá para sempre e em paz. Nesse mar calmo, o homem a princípio só experimenta a humilhação e destruição; mas quando emergir deste estado, compreendê-lo-á como criação, e muitos segredos lhe serão revelados [...] “Embora deixe de existir separadamente, conserva a beleza. Existe e não existe. Como pode ser isto? À mente não é dado concebê-lo.”(ATTAR, 1954, p. 134-35)

Por outra via, este estágio lembra a iluminação de Siddhārta Gautama, que ao iluminar-se, percebe-se feito da mesma matéria das estrelas, insubstancial, unidade com todo o universo. Sim, neste poema Sufi, nas escrituras budistas, nas parábolas cristãs e em todas as grandes tradições espirituais, o aniquilamento do ego e a unificação com o *absoluto* parece ser uma constância. O que afirma a profundidade e a solidez deste desenvolvimento, desta meta superior, no caminho do crescimento espiritual.

### Um Contato Contigo: Considerações Finais

Ao fim, somente os pássaros que conseguiram resistir à empreitada (apenas trinta dos cem mil primeiros), confirmam quão raros os que realizam este percurso, que somente os que se mantêm fiéis à verdade interior tem força suficiente para perseverar apesar dos obstáculos, dos desafios, do pavor da noite escura. Estes remanescentes são vitoriosos e alcançam o merecimento de entrar na morada do grande pássaro Simurgh.

No entanto, a maior revelação se dá quando se desvela que o grande pássaro, tão almejado encontrar, estava presente entre eles todo o tempo. São o mesmoseu ser, comose estivessem diante de um espelho, tal qual ocorre com o crente místico em sua identificação com Deus. De maneira que em essência, a sabedoria Sufi realiza-se em encontrar e vivenciar a unidade com Deus. “Nos poemas religiosos sufis, “o povo dos pássaros” são as almas dos homens que saem em busca de Deus, ou da realidade. A poupa, pássaro semelhante à pega, é o símbolo do homem que se ilumina e que pode ajudar seus semelhantes”(LISBOA, 2019).

A ilusão da multiplicidade finda. Ele é tudo e só Ele existe. Os pássaros são assim o símbolo do humano elevado espiritualmente que encontra Deus dentro de si. Aquele Tesouro que tanto fora buscado ao longe, em verdade estava dentro deles mesmos.

Outro ponto crucial que revela esta narrativa é que a mesma pode ser compreendida numa perspectiva de um modelo ideal, isto é, uma espécie de propósito, meta e, portanto, compreendida como analogia às etapas do desenvolvimento humano, espiritual. Que ao mesmo tempo se torna individual e particular.

Não se trata da questão da fé, mas da experiência. A experiência religiosa é absoluta. Não há como discutir sobre isso. Só podemos dizer que nunca tivemos uma experiência desse tipo e o adversário dirá: ‘lamento, mas eu a tive’. E assim encerra a discussão. Não importa o que o mundo pensa sobre a experiência religiosa; aquele que a tem possui o maior tesouro de algo que se transformou para ele em uma fonte de vida, sentido e beleza e que deu novo brilho ao mundo e à humanidade. Ele tem *pistis* e paz. Qual é o critério que nos permitiria dizer que esse tipo de vida não é legítimo, que essa experiência não é válida e que esse tipo de *pistis* não passa de uma ilusão? Existe realmente uma verdade melhor sobre as últimas coisas do que aquela que nos ajuda a viver? (JUNG, 1986, p.116)

Conseqüentemente, não se trata de um caminho linear, tampouco concreto ou que se possa impor ao outro. Aprender simplesmente pela pura e simples repetição. Além disso, há momentos em que o adepto está tal qual muitos pássaros que desistiram e outros tantos que nem iniciaram a jornada. São os momentos em que se

pode chamar de críticos, de suspensão ou de fatídico desânimo. Há momentos de transição, onde sente-se perdido, atordoado, improdutivo e ineficaz. Já em outros, o fogo interior está pleno, a entrega e o fluir são a tônica maior.

O importante é manter a mirada interior. É fixar a luz, mesmo quando as lágrimas ou o desencanto enfraquecem a alma. Pois, sempre depois de uma torrente, o frescor verdejante da floresta, retoma o seu crescimento. Há que olhar sem julgar perpétuo os momentos da vida. Há que desenvolver a paciência para que em tais momentos de escassez, não se jogue fora por medo da derrota, as etapas já vencidas.

Como diz a Polpa, “Sede generosos com a vida. Ponde os pés na estrada e parti, alegres, para a corte do rei. Temos um rei de verdade que vive atrás das montanhas chamadas Kaf” (citada na página 1 deste artigo). A fé é fundamental para viver. Ela dá a convicção de que não se está só e de que há um sentido subjacente à existência. A alegria é um elemento essencial, provém do entusiasmo e da crença na *graça* e no Mistério.

Por fim, mas não menos importante, ao contrário, subjaz tal qual a raiz que sustenta uma grande árvore, desde o início, na fala da Poupa, quando esta dizia que conhecia bem o seu rei, mas que sozinha não poderia planejar encontrá-lo: a imagem de Simurgh só pode ser contemplada porque os pássaros que lá chegaram, estavam juntos, percorreram os vales juntos. Ou seja, sozinho nada se pode alcançar. É sempre importante lembrar o valor da alteridade, da solidariedade, da partilha e da comunhão.

## Referências Bibliográficas

- ATTAR, Farid ud-Din. **A Conferência dos Pássaros**. São Paulo. Cultrix, 1954.
- \_\_\_\_\_. **A Linguagem dos Pássaros**. São Paulo: Attar Editorial, 1991.
- BOFF, Leonardo. **O Eixo do Amor: Rumi e Francisco de Assis**. In: LUCCHESI, Marco. *A Flauta e a Lua. Poemas de Rûmî*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2016.
- HIRTENSTEIN, Stephen. **O Compassivo Ilimitado. Unidade e Singularidade**. Rio de Janeiro: Fissus, 2006.
- JAFFÉ, Aniela. **O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung**. São Paulo: Cultix, 1983.
- JUNG, C. G. **Psicologia da Religião Ocidental e Oriental**. (vol. 11). Petrópolis: Vozes, 1983.
- LISBOA, Luiz Carlos. **Ah, meu Coração! Acende a Chama na Luz do Amor...** [http://www.attar.com.br/resenhas\\_menu.php](http://www.attar.com.br/resenhas_menu.php). Consultado em: 25/10/2019.
- LUCCHESI, Marco. **Olhos do Deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2000.



\_\_\_\_\_. **A Flauta e a Lua. Poemas de Rûmî**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2016.

MATHEUS. **BíbliaOnline**. In: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/7>. Consultado em: 6/07/2018.

BORGES, Jorge Luis. **A Aproximação a Almotásim**. Disponível em: [www.attar.com.br/resenhas](http://www.attar.com.br/resenhas). Consultado em: 15/05/2018.

TEIXEIRA, Faustino. **A Linguagem dos Pássaros: uma Epopeia Espiritual**. Disponível em: <http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2017/09/a-epopeia-dos-passaros-na-busca-do.html>. Consultado em: 28/06/2018.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Petrópolis: Vozes, 3ª ed. 2014.

VILLERMAY, Denyse. **Rumo a um Modelo Transdisciplinar da Saúde**. Disponível em: <http://cettrans.com.br/assets/textos/rumo-a-um-modelo-transdisciplinar-da-saude.pdf>. Consultado em: 26/10/2019.

Recebido em: 07/06/2019

Aprovado em: 30/11/2019